
REMEMORAÇÕES INFANTIS EM *PORQUE HOJE É SÁBADO*,
DE MARIA JOSÉ SILVEIRA

CHILDREN'S REMEMBRANCES IN PORQUE HOJE É SÁBADO,
BY MARIA JOSÉ SILVEIRA

Ana Raquel de Sousa Lima¹

Margareth Torres de Alencar Costa²

RESUMO: Rememorar experiências infantis assentadas em contextos históricos que têm a violência como elemento fulcral é trazer à luz a possibilidade de (re) significações que outrora não eram compreendidas por conta da imaturidade da idade. Neste ínterim, o conto *Porque Hoje é Sábado* se apresenta como uma estrutura literária que possibilita reflexões acerca da violência impetrada do chamado regime ditatorial brasileiro, trazendo o olhar infantil diante dos atos dos algozes. Neste contexto, a análise se volta para as manifestações das lembranças das experiências infantis da protagonista, buscando compreender as subjetividades e os afetos que permeiam estas lembranças em tempos de exacerbadas violências. Para tanto, o olhar teórico está assentado nas reflexões de Assmann (2011), Candau (2019), Crettiez (2009), Saffioti (2004), Agambem (2004) e Nepomuceno (2015). Como resultado, observou-se uma violência sem limites, não importando se a vítima era uma criança ou uma mulher grávida. O que importava, na narrativa, era que os pais haviam subvertido o regime ditatorial e assim todos pagaram o preço com os maus tratos, isto é, todos foram violentados. E essas violências permaneceram nas recordações da protagonista na fase adulta.

Palavras-chave: Memórias da infância; Ditadura brasileira; Violência; *Porque Hoje é Sábado*.

ABSTRACT: To recall childhood experiences based on historical contexts that have violence as a central element is to bring to light the possibility of (re) significations that were not previously understood due to age immaturity. In the meantime, the short story *Porque Hoje é Sábado* presents itself as a literary structure that allows reflections on the violence imposed by the so-called Brazilian dictatorial regime, bringing the childish gaze to the executioners' acts. In this context, the analysis turns to understand the manifestations of the memories of the protagonist's childhood experiences, seeking to understand the subjectivities and affections that permeate these memories in times of exacerbated violence. Therefore, the theoretical view is based on the reflections of Assmann (2011), Candau (2019), Crettiez (2009), Saffioti (2004), Agambem (2004) and Nepomuceno (2015). As a result, there was boundless violence, regardless of whether the victim was a child or a pregnant woman. What mattered, in the narrative, was that the parents had subverted the dictatorial regime and so everyone paid the price with mistreatment, that is, everyone was violated. And such violence remained in the protagonist's memories in adulthood.

Keywords: Childhood memories; Brazilian dictatorship; Violence; *Porque Hoje é Sábado*.

1 Professora de Língua Espanhola no Instituto Federal do Piauí- IFPI. E-mail: anaraquelthelima@gmail.com.

2 Professora da Universidade Estadual do Piauí e coordenadora de área do PIBID Letras Espanhol da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: margazinha2004@yahoo.com.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Se existe sempre a alternativa entre memória e esquecimento, é sem dúvida porque nem tudo o que é memorizável é memorável e, sobretudo, porque nem tudo pode sê-lo”, observa Candau (2019, p. 94). Compreendendo o campo do memorável pela ótica de Detienne, o pesquisador pontua que “longe de ser o passado registrado ou conjunto de arquivos, é um saber no presente, operando por reinterpretações, mas cujas variações incessantes não são perceptíveis no interior da tradição falada” (CANDAU, 2019, p. 95). Nesse sentido, a compreensão sobre a memória de acontecimentos violentos, vivenciados na idade da infância, perpassa pelo eixo temporal que, na fase adulta, evoca lembranças que trazem aspecto de reinterpretações e ressignificações, dado que tais lembranças apresentam-se marcadas pelas ações repressivas. Com isso, é possível que “a lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de ‘seleção mnemônica e simbólica’ de certos fatos reais ou imaginários – qualificados de acontecimentos” (CANDAU, 2019, p. 99 citando D. Sperber, p. 91).

Diante disso, entende-se que a literatura é um instrumento que possibilita estas seleções e simbologias que se fazem necessárias para a compreensão das subjetivas ocultadas, das vozes silenciadas, das dores não compreendidas e muitas vezes não expressadas. Para Gagnebin (2009, p. 55),

tal rememoração implica uma certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, aos esquecidos e ao recalcado, para dizer, com hesitações[...] aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras (GAGNEBIN, 2009, p. 55).

Nesse sentido, entende-se que as perspectivas históricas e memorialísticas apresentam-se imbricadas, dado que as lembranças de tempos repressivos estão assentadas em uma realidade histórica que proporcionou armazenamentos de percepções e sensibilidades nos vitimados. Pelas reflexões de Assmann (2011) nota-se que os dois campos do saber podem ser vislumbrados como complementares da recordação. Logo, é partir dessa possibilidade complementar que a ótica para esta análise se sustenta nas experiências de extremas repressões, especialmente, nas décadas de 60 e 70 brasileiras denominadas, por Vicentino e Dorigo (1997), como a “ditadura total”, época governada pelo militar Emilio Garrastazu Medici quem, segundo os historiadores, “governou o país com grande violência, tendo a repressão e a tortura atingido extremos durante seu mandato” (VICENTINO; DORIGO, 1997, p. 415). Assim, este artigo se propõe analisar o processo de rememoração das experiências infantis em *Porque Hoje é Sábado*, de Maria José Silveira, buscando compreender as manifestações e reinterpretações das lembranças infantis da protagonista de tempos de exacerbadas violências.

A obra literária analisada faz parte de uma narrativa de contos intitulada *Felizes Poucos: onzes contos e um curinga* (2016), estruturada a partir das recordações de uma personagem adulta que rememora suas experiências infantis vividas com seus familiares em tempos de repressão. O texto traz ainda a presença dialógica de um curinga que, ao iniciar a narrativa, conversa com o leitor como se o preparasse para desvendar as sombrias trilhas

do bosque ficcional: “minha cara leitora, meu caro leitor: a autora foi me buscar, vizinha de órfã perdida no bosque da literatura, por favor, me ajude [...] vou falar explicitamente de política. Ditadura. Luta armada. Esses tempos. Ichi!! Bati na boca, mas escapou.” (SILVEIRA, 2016, p. 13).

Pelo ato expressivo do curinga, o leitor pode deduzir que se trata de uma temática amarga e que ainda é um conteúdo desconfortável, possivelmente pela aridez das experiências ou pelas prováveis intenções de deixar este campo como não memorável. Sobre isso, Figueiredo (2017, p. 41) afirma que “tratar da literatura sobre a ditadura convoca categorias de pensamento como o testemunho, o trauma, o exílio, a memória, o arquivo, enfim, a responsabilidade dos autores frente à História e aos leitores”. Categorias essas que substancializam o campo do memorável, dado que tais memórias buscam trazer à reflexão experiências que, embora tragam um estranhamento pelo teor das violências e desumanidades, são necessárias para a sustentação daquilo que precisa ser memorável, de forma que elas não se tornem esquecidas ou mesmo ocultadas pelas Histórias oficiais. Diante disso, e por se tratar de uma análise literária sobre os tempos de terror brasileiro, o caminho que o leitor adentra, neste bosque de Silveira (2016), é o de “andar para ver como ele é bosque e descobrir por que algumas trilhas são acessíveis e outras não” (ECO, 1194, p. 33), ou seja, porque algo que é memorizável não se torna memorável, especialmente, quando se trata dos vitimados em idade de não compreensão do horror, como as crianças.

Outro ponto importante sobre essas memorizações é o que aponta Gagnebin (2009, p. 54), partindo da ótica do narrador sucateiro, o de que é necessário recolher “tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido”. Tendo como suporte o pensamento benjaminiano, ela menciona que os elementos de sobra, que são deixados de lateral e invisíveis a um contexto maior, são: o sofrimento e o anônimo. Pressupõe-se, portanto, que tais elementos são fundamentais para a compreensão da narrativa de Silveira (2016).

Diante desta perspectiva, o olhar se volta para reflexões de Dalcastagnè (1996, p. 17), que contribui nesta análise no tocante às narrativas que trazem, em seu cerne, momentos repressivos, especialmente quando a pesquisadora argumenta que elas, as obras literárias, são “documentos imprescindíveis de um tempo que ainda não nos foi revelado por inteiro”. Tal menção permite que se analise as enunciações dos personagens a partir do olhar de vozes obliteradas de uma época de extrema violência, e é por meio da arte literária que esses momentos podem ser ressignificados. Para além dessas ponderações, Nepomuceno (2015) assegura que “cada um de nós tem histórias e tem memórias. E essa memória é subversiva porque aponta para os que perpetraram aquelas desumanidades. Ela aponta para o resgate da dignidade das vítimas”. (NEPOMUCENO, 2015, p. 57).

No Brasil, segundo Nepomuceno (2015, p. 9), o regime de exceção tem início “no dia 1º de abril de 1964 com um golpe urdido entre os setores conservadores da política brasileira” em articulação com outros setores, como as elites empresariais e os meios de comunicações mais poderosos da época. Sobre este momento brasileiro, o estudioso, a partir de um olhar a um Brasil e sua memória subversiva, cita o pensamento de Leonardo Boff: “acho importante o resgate da memória, porque a memória é subversiva. E uma das coisas que ocorreram em nosso país com maior peso foi o ato de apagar a memória dos vencidos - dos escravos, dos indígenas”. (NEPOMUCENO, 2015, p. 54)

Com isso, nota-se a relevância de trazer à luz narrativas que evoquem as recordações de momentos repressivos brasileiros, pontuando as desumanidades impostas pelos que executaram as violências e impuseram silenciamentos no sentido de não tornar memoráveis tais ações brutais, realizadas de forma física, moral e psicológica, tanto para os que não aceitavam o regime como para os que não o compreendiam, por conta da idade, mas que também sofriam as crueldades perpetradas. O contexto da ditadura militar brasileira foi uma realidade cruel e devastadora no que tange aos direitos humanos. Entretanto, ela não ficou restrita aos livros das histórias objetivas e dos feitos heroicos. O contexto ditatorial foi e é representado na arte literária por diversos escritores que experimentaram, ou não, o referenciado período.

Sobre estas escritas, a crítica literária Eurídice Figueiredo (2020), em sua obra *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*, evoca escritas de mulheres que recriam os fatos históricos. De forma sintética, a pesquisadora apresenta: Ana Miranda com a obra *O Retrato do rei*; *A Muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz; *Joaquina, Filha de Tiradentes*, de Maria José de Queiroz; *Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz*, de Heloisa Maranhão; *Carta a Rainha Louca*, de Maria Valéria Rezende; *Sorte*, de Nara Vidal; *Volto Semana que Vem*, de Maria Pila; e *A Mãe da Mãe da sua Mãe e O Fantasma de Luis Buñuel*, ambos de Maria José Silveira. Dentre as escritoras mencionadas, duas são destacadas nesta análise, Maria Pila e Maria José Silveira, por suas escritas trilharem momentos da ditadura brasileira. Para Figueiredo (2020, p. 142), “Maria Pila não escreveu romances, mas seu pequeno livro [...] narra seu percurso de revolucionária e exilada através de fragmentos, todos datados, que correspondem a diferentes momentos de sua vida”.

Sobre Maria José Silveira, Figueiredo (2020, p. 143) afirma que ela “teve intensa militância juntamente com seu marido, que foi preso; verificando que o cerco se fechava, ambos partiram para o exílio”. Para além disso, a estudiosa menciona que a escrita de Silveira “traz para seus romances um pouco de suas memórias sob o viés ficcional”. Assim, é nesse contexto que o conto *Porque hoje é Sábado* se faz relevante, tanto por evocar mais uma escrita de Maria José Silveira como para demonstrar seu caráter de escritas memorialísticas do período ditatorial. No conto, assim como em outras obras de Silveira, observa-se a marca da presença feminina, da subversão e da resistência dessas mulheres às “ordens” do período horrendo da História brasileira. Sobre essas escritas do passado, Figueiredo (2020, p. 150), a partir do pensamento de Régine Robin (2003, p. 219), menciona que:

o passado não é simplesmente uma memória constituída oficialmente pelas classes dominantes, manipulada por elas a fim de camuflar os malfeitos e embelezar as conquistas; o passado é também uma força que nos habita e estrutura involuntariamente, inconscientemente, o tecido com o qual nós somos feitos (FIGUEIREDO, 2020, p. 150).

Logo, esta força que nos habita, mencionada acima, é a mesma que as escritoras possuem e se utilizam, a partir das estruturas linguísticas, para proporcionar ao leitor compreensões distintas sobre esta época. Depreende-se com isso que as verdades, presentes nos textos literários, são verdades das emoções, dos afetos, dos sofrimentos das personagens,

como assevera Figueiredo (2020), que se situam na história. São essas verdades que se fazem presentes no tecido narrativo aqui analisado, visto que as experiências da protagonista, de sua fase infantil, retornam por meio de estabilizadores, como afetos e símbolos que permeiam as memórias coletivas da personagem daqueles tempos, e significam no presente, uma vez que essas recordações da infância estão estabilizadas em um tempo de estado de exceção brasileiro que, para Agamben (2004, p.61), pode ser compreendido como “um espaço anômico onde o que está em jogo é uma força de lei sem lei”. De acordo com o filósofo, podemos compreender que, no Estado, lógica e práxis se indeterminam.

Nesse contexto, a menção de Candau (2019), sobre a memória das tragédias, tem relevância, pois para o autor tais memórias pertencem aos acontecimentos que contribuem no que concerne ao campo do memorável. Para o pesquisador, “ela é uma interpretação, uma leitura da história das tragédias. É também uma memória forte. [...] essa memória deixa traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujos parentes ou amigos tenham sofrido” (CANDAU, 2019, p. 151). À vista disso, a análise da narrativa *Porque Hoje é Sábado* se debruça sobre essas memórias de tempos violentos, especialmente, as que se voltam para as recordações infantis.

LEMBRANÇAS SOMBRIAS EM *PORQUE HOJE É SÁBADO*

O conto inicia com uma frase da narradora que demonstra as manifestações das recordações de infância, “eles chegaram no meio do desenho animado que eu estava assistindo com meu irmão – eu com 6 anos; ele, com 4. Fui abrir a porta e três ou cinco homens, não sei bem, perguntaram, Onde estão seus pais” (SILVEIRA, 2016, p. 85). Nessa passagem, vislumbram-se elementos que trazem à tona a perspectiva das subjetividades infantis, como as idades e o desenho, este último como algo significativo para as crianças naquele momento.

Outro ponto em destaque é a presença das incertezas das realidades do momento vivido, uma vez que as rememorações apresentam, em seu ato de recordar, lacunas observadas na expressão “não sei bem”. Para Izquierdo (2018, p. 66), “ninguém é capaz, ao longo dos anos, de lembrar todos os detalhes”. De maneira que este pensamento se confirma, no texto literário, por meio das lembranças da personagem narradora, não nominada, em outros momentos, como “as lembranças que restaram estão borradas, esmaecidas, misturadas umas nas outras” (SILVEIRA, 2016, p. 85). Assim, tais expressões sinalizam, para esses brancos da memória, especialmente, que se trata de rememorações da infância, ou seja, de acontecimentos longínquos cronologicamente, mas que se fazem presentes.

Assim, é partir deste contexto que a narrativa *Porque hoje é sábado* é analisada. O texto apresenta-se com uma narradora em primeira pessoa em que a presença do lúdico e do afeto no quadro familiar são vislumbrados por meio das subjetividades da personagem. Para Assmann (2011), as memórias individuais ou habitadas trazem como características a referência ao grupo e a seletividade das lembranças, entre outros aspectos. O que pode ser identificado quanto ao armazenamento das memórias da infância da personagem está substancializado no grupo familiar. Neste ínterim, o espaço compreende-se entre a casa da família, a prisão dos pais e a casa dos avós, demonstrando, com isso, que os lugares per-

meiam os rincões das memórias. Sobre isso, Bachelard (1988, p. 113), tendo a casa como referencial, pontua que ela “é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem[...]. Ela é corpo e alma”, o que é possível perceber no seguinte fragmento:

naquela época, nossa casa era grande, tinha um quintal enorme – quer dizer, na minha lembrança, parece que era enorme, mas não posso dizer ao certo. Nunca mais voltei lá [...]. Sei que tinha árvores com frutas, goiabeiras e duas mangueiras. Uma de manga rosa, que ficava de um lindo vermelho sanguíneo quando amadurecia. E outra, de manga comum, que minha mãe me ensinou a comer ainda verde com sal. Era minha mãe quem trepava na mangueira para pegar as mangas, e comia com a gente.[...] e também fazia doce com as goiabas. [...]. Minha mãe, meu irmão e eu, nós três catávamos goiabas, mas só as goiabas vermelhas não serviam para fazer doce (SILVEIRA, 2016, p. 85).

Percebe-se, nos relatos, que as ações, realizadas com a mãe no espaço da casa, deixaram marcas na vida da menina, pois nem as possíveis falhas da memória conseguiram obscurecer os momentos vividos, visto que as alegrias e prazeres são evocados com um rigor descritivo, observados nas caracterizações dos nomes das frutas e cores. Neste contexto, o leitor se encontra com recordações distintas que perpassam por momentos de tranquilidade e paz e de insegurança e incertezas. Por conta disso, compreende-se que as atividades prazerosas, que envolviam os familiares, resistiram ao tempo e se estabilizaram, enquanto as impactadas pelo terror tornaram-se volúveis. Assmann (2011) observa que, para aumentar a força memorativa das imagens, é recomendável vesti-las esplendidamente com coroa e púrpura, ou desfigurá-las com manchas de sangue. Isto é, o impacto benigno ou maligno nas experiências é que dá o teor sensível durante o ato de lembrar. Em sequência, verifica-se a presença das brutalidades do regime na voz narrativa:

a primeira coisa que eles fizeram, assim que entraram, foi desligar a televisão. Uma televisão pequena, imagens em preto e branco; TV a cores ainda não era comum. Então, andaram pela casa toda, pegando coisas, e nos fizeram entrar num carro enorme que eu nunca tinha visto antes. Depois fiquei sabendo que era um camburão. Meu irmão, eu e minha tia, que estava passando uns tempos conosco e estava grávida. Ela repetia, Eu estou grávida, cuidado! Estou grávida! e pondo a mão na barriga. Perto de onde ela ficou sentada, no chão, vi uma coisa que era arma e achei grande demais. Fiquei com medo e perguntei o que era, e minha tia me disse, Não mexa, meu bem. É uma metralhadora, cuidado (SILVEIRA, 2016, p. 86).

O fragmento traz à luz possibilidades de vislumbrar os atos brutais e como eram tratadas as crianças nos tempos sombrios. O desligar da televisão conota um romper com o lúdico infantil, assim como as cores mencionadas – preto e branco – sugerem ao leitor um presságio ao momento futuro que se aproximava.

Outro ponto que merece destaque no excerto acima é a lembrança das imagens da tia grávida sendo levada no camburão junto com eles, e a frase repetida por ela, – “estou grávida!” – atestando com isso a desumanidade no trato com as crianças e com as mulheres grávidas nas ações violentas dos algozes, asseverada na imagem da grávida sentada no chão.

Para além disso, é importante observar, no excerto, a enunciação da arma exposta no local, uma metralhadora, fato que pressupõe uma não distinção entre os conduzidos coercitivamente ao ambiente sombrio, pois ficaram juntos mulheres, crianças e armas. Nesta cena, encontra-se também um paradoxo entre a realidade e o imaginário infantil, visto que as crianças estavam assistindo filmes infantis na sala, como já mencionado, “eles chegaram no meio do desenho animado” (SILVEIRA, 2016, p. 86), e a televisão foi desligada, e estes mesmos infantes foram levados a um lugar sombrio e colocados na visão de armas de guerra, objetos ainda desconhecidos do cognitivo dos pequenos personagens. Com isso, caracteriza-se que o momento repressivo, vivido pela protagonista e seus familiares, permanece ressoando em sua mente por meio de imagens, ações e enunciações performativas repetitivas, como a da tia dizendo “eu estou grávida”. Isso confirma o pensamento de Candau (2019, p. 99) de que “a lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de ‘seleção mnemônica e simbólica’ de certos fatos reais ou imaginários – qualificados de acontecimentos”.

Sobre os fatos, é importante mencionar que a narrativa tem como pano de fundo a ditadura brasileira das décadas de 1960 e 1970, o que reforça a perspectiva dos atos violentos vislumbrados no entrelaçar de vozes narrativas, observados ora pelas lembranças da criança, ora pelas enunciações da mãe: “sei que depois vi meu pai e minha mãe. Eles estavam sentados assim, meio duros, as mãos debaixo da mesa, mais ou menos perto um do outro, mas com um jeito estranho, diferente. Pareciam que não eram de verdade, mas de uma outra coisa, como se fossem bonecos” (SILVEIRA, 2016, p. 87).

De repente vi minha filha na sala de tortura. E de repente também ela sumiu; alguém a tirou dali. Foi tão rápido que foi bom; fiquei achando que estava variando. Eu a vi ali e depois não vi mais. Enlouqueci, pensei. Tão pouco tempo, e já enlouqueci. Mas também achei que não podia ser ela, o cabelo da minha filha não era curto assim. Naquele momento, também pensei: se fizerem alguma coisa com meus filhos, não vou aguentar (SILVEIRA, 2016, p. 87).

As passagens acima apresentam um entrelaçar narrativo no qual vozes distintas – da filha e da mãe – recordam momentos de angústias que se alternam em idas e vindas da memória. Ora lê-se as recordações da criança, ora surgem as da mãe como fluxo de consciência, porém sempre trazendo à tona as memórias sombrias do contexto histórico ditatorial, reforçando, com isso, o que Vicentino e Dorigo (1997) pontuaram como “época governada pelo militar Emilio Garrastazu Medici” o qual, segundo os historiadores, “governou o país com grande violência, tendo a repressão e a tortura atingido extremos durante seu mandato” (VICENTINO; DORIGO, 1997, p. 415). Ou seja, não importava se aquelas ações iriam deixar marcas, enlouquecimento ou mesmo levar à morte, o que era de maior valor era preservar as concepções autoritárias. Nota-se, ao longo dos relatos, a tortura em diversos

aspectos, tanto no físico quanto no psicológico. No físico pelo olhar da criança, a partir da descrição das imagens dos corpos dos pais irreconhecíveis e associados a bonecos, e no corte do cabelo descrito pela menina: “eles estavam cortando o cabelo de todo mundo e cortaram também o meu, com aquele pente esquisito que os barbeiros usam, com uma gilete dentro” (SILVEIRA, 2016, p. 87). No caso da mãe, o psicológico, por imaginar a possibilidade do que estaria acontecendo com suas crianças naquele ambiente funesto. Tais fatos podem ser asseverados a partir da ótica de Nepomuceno (2015), quando ele observa que, durante décadas, os países latino-americanos sofreram, praticamente sem exceção, os rigores impostos pelos regimes militares, que variavam em graus violentos distintos. Para o estudioso, “está comprovado que a tortura não foi uma resposta à luta armada, mas um plano sistemático instaurado imediatamente após o golpe militar do 1º de abril de 1964” (NEPOMUCENO, 2015, p. 41).

A passagem do corte do cabelo é significativa nas manifestações das lembranças da personagem, pois há reiterações desse momento: “meu cabelo era comprido, liso, e estava solto. Minha mãe gostava muito de fazer em mim um penteado que dizia que minha avó gostava de fazer nela e que se chama sempre no-meu-coração, e hoje sou eu que faço o mesmo penteado na minha filha” (SILVEIRA, 2016, p. 87). Neste momento, observam-se as ressignificações das memórias, uma vez que a personagem já é mãe e mantém os atos da mãe em relação à filha, de maneira que estas reminiscências sinalizam para a perspectiva de seletividade, visto que, entre tantas memórias de dor e angústias, surgem as afetivas pessoais. Para Candau (2019, p. 98), a partir de Tberghein, “cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo nível de evocabilidade”.

Neste cenário, é importante relacionar a imagem do cabelo a duas formas de rememorar, tendo como subsídios o afeto, porque a mesma personagem o recorda sob dois prismas: o do afeto pelo fato de a mãe, de forma cuidadosa, fazer os penteados descritos como “sempre no-meu-coração”; o outro afeto pelo terror: “naquela época eu gostava muito do meu cabelo. E não gostei nada quando eles o cortaram daquele jeito tão curto e de maneira tão bruta” (SILVEIRA, 2016, p. 88). Este excerto apresenta ao leitor advérbios de intensidade e negatividade, como “muito”, “não”, “nada”, que reforçam as subjetividades da narradora protagonista diante dos atos perversos dos que se autodeclaravam defensores da lei, mostrando com isso que eles a afetaram em algo que ela tinha para além do material – o cabelo – pois se intui que ele era como um laço sentimental entre a criança e sua mãe.

Sobre essa possibilidade relacional entre memórias e afeto, Assmann (2011, p. 269) comenta que, “quando vemos algo extraordinariamente baixo, abominável, incomum, grande, inacreditável ou ridículo, tais coisas ficam gravadas em nossa memória”. Por outro lado, a pesquisadora traz também à luz a probabilidade de a memória afetiva basear-se em uma experiência psicofísica que escapa não apenas à verificação externa, como também à revisão própria. Tais experiências são vislumbradas nas duas maneiras em que o trato com o cabelo é expresso nas linhas tecidas pelas memórias infantis que passam por um processo de significação na fase adulta, entendendo com isso que “a recordação que ganha a força de símbolo é compreendida pelo trabalho interpretativo retrospectivo em face da própria história de vida e situado no contexto de uma configuração de sentido particular” (ASSMANN, 2011, p. 275).

Diante do cenário de relato exposto, é salutar lançar mão das violências cometidas pelos verdugos no contexto narrativo de terror, uma vez que se observa a forte presença de personagens femininas, tais como a protagonista inominada, a mãe, a tia grávida e a avó. A partir dessas personagens, é possível verificar as crueldades que se tornaram naturalizadas, como as observadas pela voz narrativa da mãe: “por sua própria natureza, a tortura é clandestina, tem que ser negada em todos os escalões. Enquanto esse tempo durasse, enquanto nossa prisão não fosse reconhecida, tudo era possível: a morte, a loucura, o desaparecimento” (SILVEIRA, 2016, p. 89).

Outra passagem de violência verifica-se no relato da filha, quando rememora as idas à prisão para visitar os pais, acompanhada pela avó:

antes de entrar e depois na saída, as guardas nos revistavam, pedaço por pedaço de nosso corpo. Essa parte era triste, Eu sentia muito frio e segurava a mão de minha avó e fazia cara feia. Tinha vontade de bater naquelas mulheres-guardas que me apertavam e levantavam minha roupa. Era quando eu me lembrava do dia que eles chegaram à nossa casa para prender meus pais e me levaram no camburão. E cortaram meu cabelo e deixaram meus pais doentes. Então, eu esperneava. Minha avó me abraçava e dizia, Calma, meu bem. Já vai terminar (SILVEIRA, 2016, p. 90-91).

Quanto aos dias de visitas nos presídios, eram sempre aos sábados: “depois, muito tempo depois, quando chegava o sábado, eu e meu irmão sabíamos que dia era porque minha avó nos acordava logo cedo, a voz animada, quase alegre” (SILVEIRA, 2016, p. 89). Diante dos fragmentos, tem-se a perspectiva das formas das violências, compreendidas pelas possibilidades de mortes, loucuras e desaparecimentos, mencionados pela voz da mãe, diante de extrema violência, e, pelo olhar infantil, o desconforto da criança diante das brutalidades das guardas no momento da revista no ambiente prisional. Tal fato substancializa a reflexão de Crettiez (2009, p. 13), quando ele pontua que “la violencia no es sólo un acto de coerción: también es una pulsión que puede tener como única finalidad su expresión, para satisfacer la ira, el odio o un sentimiento negativo, que tratan de manifestar se”. Logo, a expressão de satisfação da ira e do ódio pode ser assegurada na forma como os policiais tocam o corpo da criança, sem expressar nenhuma sensibilidade por ser criança e por ser mulher. É como se o ódio aos “comunistas” ultrapassasse os mais essenciais valores para a civilização, o respeito ao outro. A ira e o ódio, expressados nos atos violentos, encontram-se em outra passagem da obra, quando a tia da protagonista, que foi levada no camburão enquanto estava grávida, inicia o trabalho de parto na prisão:

como foi com o filho da minha tia que acabou nascendo na prisão, praticamente na cela, e quando foram buscá-lo, depois que as outras presas[...] começaram todas as gritar[...] que o menino estava nascendo e precisava de assistência, e ela disse para o obstetra, Acho que meu filho está morrendo, ele respondeu, E daí? Que importa? Será um comunista a menos (SILVEIRA, 2016, p. 88).

O fato e a frase final são motivadores para se pensar sobre o papel das repressões exacerbadas sobre os personagens, especialmente as femininas, durante o contexto histórico e político aqui vislumbrado, visto que, embora as presas tivessem a “assistência” no momento do trabalho de parto, ela ainda sofria violências psíquicas e possivelmente corporais. Neste contexto, a violência pode ser entendida como “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2004, p. 17), dado que é possível depreender, na passagem do texto, as violências perpetradas pelos carnílices transfigurados de médicos durante o regime repressivo. Para finalizar tais análises críticas, é potencial o diálogo com o pensamento de Figueiredo (2017, p. 15) quando ela, em sua obra *A Literatura como Arquivo da Ditadura Brasileira*, pontua que “homens e mulheres, a grande maioria muito jovens, foram barbaramente torturados, alguns foram mortos, em nome da democracia, quando o regime era tudo, menos democrático”. Em um outro momento, a pesquisadora traz à luz uma inquietação que, hoje, pensa-se que está mais presente que outrora sobre os atos brutais do regime ditatorial. Ela chama a atenção para “o que me parece relevante abordar é como as autoridades do país deram carta branca a policiais e militares, muitos deles verdadeiros psicopatas, a fim de eliminar pessoas de forma sistemática, simulando teatrinhos ou descartando os corpos como se fossem animais” (FIGUEIREDO, 2017, p. 14). É com esta inquietação de Eurídice Figueiredo que se aproxima o encerramento desta reflexão sobre o conto *Porque Hoje é Sábado*, de Maria José Silveira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa possibilitou compreender o processo de manifestações e (re) significações das lembranças da narradora personagem a partir da ótica das violências perpetradas pelos algozes do regime militar brasileiro. No conto *Porque Hoje é Sábado* vislumbrou-se atos violentos, perpassados ao longo das cenas rememoradas inicialmente quanto à ruptura do lúdico para o trágico, uma vez que nelas a reconstrução da memória parte de recordações de uma época infantil. Com isso, observou-se que a protagonista relata seus momentos ingênuos, ou não compreensíveis, de circunstâncias dolorosas que só foram compreendidas tempos depois, na fase adulta. A fase infantil é marcada por vários elementos, como a idade, o desenho animado, as colheitas das frutas no quintal da casa, descritas por meio das mangas, que permaneceram nas lembranças da infante através das cores, como ela bem expressa quando faz referência à manga rosa, que tinha a tonalidade de um lindo vermelho sanguíneo quando amadurecia. O espaço da casa é retratado como lugar de paz que ficou num passado que não mais voltará, pois nada é o mesmo depois que se passa por momentos sombrios. A reflexão, que vem à tona sobre o fato de a personagem enfatizar não mais ter voltado para casa, conota que o espaço não proporciona aquela paz da ingênua infância, dado que, ao relembrar as significações, essas não permitem tais infantilidades, pois as recordações da personagem indicam que ela se encontra na sua fase de consciência dos acontecimentos trágicos, ou melhor, na fase adulta.

Também é relevante ressaltar a presença feminina no enredo, com mulheres sendo

torturadas e reprimidas em diversos aspectos. Percebeu-se violência sem distinções, não importava se era criança, se era uma mulher grávida o que importava era se alguém da família subvertia o regime. Todos pagaram um preço, todos foram violentados física, psicológica e socialmente.

Assim, compreendeu-se que as marcas deixadas pelo momento repressivo, tanto no físico como no psíquico, perpetuaram na vida da personagem, demonstrando com isso que as ações ditatoriais não se consolidaram somente no ato da repressão, mas se prolongaram por toda uma vida e que, ao lembrar esses momentos de dor, o tom está no nível de afetividade e subjetividades que se impõem como fator determinante. Logo, foi possível identificar que as lembranças das crianças perpassam também momentos de emoções o que possivelmente interfere na compreensão do ato no calor do momento, mas ao tornar-se adulto, essas recordações se substancializam de forma mais consciente, trazendo à tona a significação de um contexto histórico violento e de uma consciência das sensações habitadas por meio da memória.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, G. **Estado de exceção**. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.
- CRETTEZ, X. **Las Formas de la Violencia**. Buenos Aires: Waldhuter, 2009.
- DALCASTAGNÈ, R. **O Espaço da dor**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- ECO, U. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FIGUEIREDO, E. **A Literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- FIGUEIREDO, E. Da Submissão e da Rebelião das Mulheres na História do Brasil: Maria José Silveira. *In*: FIGUEIREDO, E. **Por uma Crítica Feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- GAGNEBIN, J. Memória, História e Testemunho. *In*: GAGNEBIN, J. **Lembrar, Escrever e Esquecer**. São Paulo: Editora 2009, 34.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- NEPOMUCENO, E. **A memória de todos nós**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SILVEIRA, M. Porque hoje é sábado. *In*: SILVEIRA, M. **Felizes Poucos: onze contos e um curinga**. São Paulo: ZLF, 2016.
- VICENTINO, C; DORIGO, G. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1997.